

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO TRADICIONALISMO GAÚCHO: ESTEREÓTIPO E SUBVERSÃO

Eliane Moreira de Almeida ¹

Patrícia Krieger Grossi ²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo debater a construção do tradicionalismo gaúcho, sua história, seus preceitos e suas contradições. Tem enfoque na representação e idealização da mulher gaúcha – prenda –, refletindo sobre os estereótipos de gênero propagados pelo movimento tradicionalista, os impactos desses na sociedade gaúcha e as formas de enfrentamento e resistência das mulheres integrantes dos Centros de Tradições Gaúchas.

Palavras-chave: Tradicionalismo gaúcho. Mulher gaúcha/prenda. Estereótipo de gênero.

1 INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul é amplamente associado com as representações feitas pelo tradicionalismo gaúcho, assim essas representações e a história do estado se fundem no imaginário social. O presente artigo pretende fazer a dissociação desses elementos, no intuito de compreender o tradicionalismo gaúcho enquanto uma recente construção histórica, calcada nos interesses e valores de seus precursores.

Nesse sentido, debruça-se a apreender como a mulher – prenda – está representada no tradicionalismo gaúcho, as contradições concernentes a essa representação e seus impactos na vida das mulheres. Assim como os movimentos recentes protagonizados por essas, que visam subverter essa representação e assumir espaços que antes lhe eram negados, além de discutir os elementos contraditórios presentes no núcleo do movimento.

Por fim, busca-se sintetizar o que foi exposto, no intuito de contribuir com subsídios que possibilitem a reflexão e o questionamento da realidade posta, para assim, se pensar estratégias de transformações desta.

¹ Assistente Social. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGSS/PUCRS). Bolsista do CNPq. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Violência (NEPEVI). E-mail: eliane.almeida@acad.pucrs.br.

² Ph.D. em Serviço Social pela Faculty of Social Work, University of Toronto. Professora do curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Violência (NEPEVI). Pesquisadora Produtividade do CNPq 1C. E-mail: pkgrossi@pucrs.br.

2 O TRADICIONALISMO GAÚCHO E A PRENDA

O estado do Rio Grande do Sul é conhecido e reconhecido por sua forte identidade regionalista e tradicionalista, posta e cultuada como sendo natural, intrínseca de quem nasce no estado (MURARI, 2010). Essa identidade está incorporada nas leis e na mentalidade coletiva dos gaúchos. Conforme Tau Golin (2004), sua gênese é ignorada no tempo-espaço, como se remetesse a um passado imemorial.

Assim, apesar do que possa parecer, a figura do gaúcho, as tradições e todo o contexto tradicionalista, não representam em verdade a história do povo do estado do Rio Grande do Sul. Isso porque, o tradicionalismo que se conhece hoje e se exalta na semana farroupilha e nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) ao longo do ano, teve sua construção iniciada na década de 40, a partir de um grupo de jovens rapazes do colégio Júlio de Castilhos, no município de Porto Alegre (LESSA, 1985).

Ainda que tenha surgido como uma proposta de resgate histórico e cultural, ele foi moldado pelos seus precursores. Alguns autores os acusam de cultuar um passado que inventaram, segundo “aspecto ideológico e reacionário da volta a um tempo idílico que ou não existiu ou não existe mais” (OLIVEN, 1992, p.80).

Barbosa Lessa, um dos pioneiros do tradicionalismo não nega completamente esse fato, em seu livro “Nativismo: um fenômeno social gaúcho”, ele narra como surgiu o 35 CTG, o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, e o próprio tradicionalismo conhecido hoje. Resume-o como o desejo coletivo de uma identidade regional, de fazer um elo entre eles e seus ancestrais (LESSA, 1985).

Para tanto, expõe as andanças dele e de Paixão Côrtes, que percorreram o estado pesquisando costumes, vestimentas, modos de ser e agir, instrumentos e o que mais pudessem resgatar das tradições do passado (LESSA; CÔRTEES, 1975). E ainda que tenham recolhido importantes achados, haviam ainda muitas lacunas. Dessa forma, em suas palavras, “quando a tradição não existe completamente formalizada, completa-se o que está faltando para fortalecer o alicerce nacionalista (LESSA, 1985, p.69). E o preenchimento dessas lacunas, se deu através de seus precursores, com o que estes acreditavam.

Assim, pode-se compreender o tradicionalismo enquanto uma construção social, “não se confunde com Folclore, Literatura, Teatro, Recreação. Tudo isso constitui MEIOS para que

o tradicionalismo alcance seus fins” (LESSA, 1985, p.83). Segundo o autor, esses fins seriam a construção de uma unidade social, na fragmentada sociedade global, o fortalecimento de uma região frente aos ataques padronizantes do capital mundial. Um espaço coletivo, em que os sujeitos se sentiriam pertencentes, indo contra a cultura individualista propagada internacionalmente.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) surge com o discurso justamente de ser um movimento de resistência às transformações que a sociedade sofria, devido à expansão capitalista e suas práticas unificantes, que destroem valores culturais e aniquilam as diversidades regionais. Resultante disso é “processo de encontro entre o global e o local, entre a modernidade e a tradição”. (KONFLANZ, 2013, p.10).

Já Tau Golin (2004), aponta que a lógica do movimento vai contra seu próprio discurso, uma vez que forja uma cultura regional através da idealização de uma sociedade tradicional que nunca existiu de fato no Rio Grande do Sul. Argumenta que a sociedade gaúcha “é conservadora e não tradicional (...) elementos da “tradição” reforçam e reificam ontologicamente seu conservadorismo” (GOLIN, 2004, p.8) além de incorporar uma visão de unicidade a um estado que na realidade é multicultural e plural.

Em se tratando de conservadorismo, para Barroco (2015, p.624), ele “reproduz um modo de ser fundado em valores historicamente preservados pela tradição e pelos costumes — no caso brasileiro —, um modo de ser mantido pelas nossas elites, com seu racismo, seu preconceito de classe”. Assim, o conservadorismo possui uma função ideológica, interpretando a realidade de forma superficial e apresentando a ideia de imutabilidade do tempo histórico.

Deste modo:

O conservadorismo regionalista e o tradicionalismo, em particular, insistem na existência passadista desse padrão cultural, propondo sempre o eterno retorno. E retroagir para esse tempo perdido significa, inelutavelmente, revelar sua visão otimista do universo latifundiário como padronização da identidade rio-grandense (GOLIN, 1992, p.91).

Assim, tanto a idealização de um passado utópico e a padronização identitária não encontra bases reais na história do estado, é uma construção do movimento tradicionalista.

O mito do gaúcho heroico: “uma figura amante da liberdade, livre como o sopro do minuano, que só admite viver sem padrão e sem domicílio fixo, destemido e solitário,

montado em seu cavalo, percorrendo os campos sem rei nem lei, em comunhão com a natureza” (GUTFREIND, 1992, p.149), deixa de lado a multiplicidade cultural existente no estado, uma vez que:

[...] seu estereótipo, personaliza um ser heróico, altivo, corajoso; impiedoso na defesa de altos ideais, justo. Esquecido de um passado de escravos indígenas e africanos, de peões de estância arregimentados como farta massa de manobra nos conflitos pela posse dos latifúndios a que deveriam pertencer, a representação desse gaúcho no século XX, como mito que é, esbanja qualidades que tornam improvável sua existência neste e em momentos anteriores. (OLIVEIRA, 2007, p.507).

E o grande problema é que esta figura idealizada e propagada pelo tradicionalismo, leva a não problematização da história do estado, de suas contradições, desigualdades, suas lutas internas e sua multiculturalidade. Assim, a identidade do povo do estado acaba sendo representada pela figura do gaúcho inventado, incorporado e aceito pelo senso comum como histórico (GOLIN, 1992).

Por isso, é importante analisar o tradicionalismo gaúcho no contexto em que este foi criado e como se deu sua construção. Devido ao fato de o tradicionalismo ter sido fundado por jovens estudantes, representava os pensamentos e valores destes, como se viam e queriam ser vistos, e a sua visão de sociedade e de mundo.

Nesse sentido, cabe pontuar como era a estrutura da sociedade gaúcha da época. Guacira Lopes Louro (1986), em seu artigo “Prendas e antiprendas: educando a mulher gaúcha” demonstra que a educação – pensando que o tradicionalismo gaúcho surgiu dentro de uma escola – era diferente para meninos e meninas, com um debate bem à frente de sua época, a autora já questionava a formação das “prendas” e o papel das antiprendas, enquanto resistência.

De fato, dentro da ideologia dominante na época, fala-se que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas. Nesta distinção parecia estar presente a ideia de que instrução seria algo mais adequado aos homens, ou melhor, algo perigoso para as mulheres, porque poderia lhes colocar em posição semelhante à deles. O termo educação parece ser entendido de modo mais amplo e englobar uma formação ideológica, enquanto que instrução provavelmente se refere de modo restrito às informações, ou ao saber científico e cultural disponível num dado momento histórico. Já que o dominar informações confere poder, é importante que isto seja privilégio do setor dominante. Na contraposição que se colocava, educação envolvia a doutrinação da mulher sobre seu lugar na sociedade (LOURO, 1986, p.27).

O trecho denuncia a estrutura patriarcal da época no que tange à escolarização das mulheres, que deveria ser restrita, de modo que não se aproximassem da instrução recebida

pelos homens e nem do poder que estes dispunham na organização da sociedade. Quando Louro remete que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, devemos nos questionar também que tipo de educação competia à mulher, educar para a submissão e aceitação dos papéis tradicionais de gênero. Conforme Pateman (1993, p.167), “o poder natural dos homens como indivíduos (sobre as mulheres) abarca todos os aspectos da vida civil. A sociedade civil como um todo é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública. Nessa mesma lógica, no tradicionalismo gaúcho, constituído inicialmente apenas por homens, a mulher passou a ser a imagem que esses homens tinham dela e como gostariam que ela fosse.

Em se tratando da mulher gaúcha, no livro “Danças e andanças”, Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, através de seus estudos, fazem um paralelo entre a colonização geral do Brasil e a do Rio Grande do Sul, dizendo que, enquanto no Brasil, esta se deu, majoritariamente por *homens sós*, no Rio Grande do Sul, foi feita pelos casais de açorianos. E que por essa particularidade, as mulheres do estado eram diferenciadas das do restante do Brasil.

No período colonial, a mulher brasileira esteve em segundo plano, metida entre mucamas e molecas, casando entre os doze e os quatorze anos, não raro analfabeta, portanto incapaz de trazer qualquer encanto a sociedade [...] Ao contrário, a mulher gaúcha não precisou fugir dos ambientes de trabalho e – desde que respeitasse o galpão como cenáculo masculino – pode participar mais amiúde do convívio com os homens (LESSA; CÔRTEZ, 1975, p.69).

Isto é, segundo os autores, as mulheres gaúchas teriam mais contato com a sociedade, enquanto o restante das mulheres brasileiras ficava mais restrito ao ambiente doméstico. Mas como explicitam, as mulheres gaúchas deveriam *respeitar* os ambientes que fossem expressamente masculinos, o caso do galpão. Isso demonstra, que apesar de apontarem as diferenças, ambas mulheres tinham espaços determinados.

Isso porque, as mulheres eram vistas sob uma ótica patriarcal, sendo que o patriarcado é entendido aqui enquanto um sistema³ de dominação e opressão, regido pela desigualdade de poder entre homens e mulheres. Não está restrito aos espaços da vida privada e sim presente em toda a sociedade (SAFFIOTI, 2004). Apesar de alguns autores ressaltarem que não podemos falar em sociedade patriarcal hoje em dia, pois isso cristalizaria a mudança, persiste

³Entende-se que o patriarcado é um sistema porque funciona independentemente da presença dos homens, ou seja, ele encontra-se enraizado nas relações sociais de tal forma que, mesmo entre mulheres, sem necessariamente haver a presença masculina, há a sua ratificação e a sua reprodução (CISNE, 2015, p.25-26).

ainda hoje formas modernas do patriarcado, isto é, este alterou sua configuração, mas manteve a base do pensamento tradicional patriarcal (NARVAZ e KOLLER, 2006).

Considerando o exposto, o termo prenda, como é chamada a mulher gaúcha, segundo Glaucus Saraiva (1968, p.117) “tudo o que o gaúcho muito queria chamava prenda, daí esta classificação”, já no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul (1984) significa: “joia, relíquia, presente de valor / Em sentido figurado, moça gaúcha”. Sendo em primeiro lugar uma coisa, um objeto, deixa claro a objetificação da mulher gaúcha, mas ao mesmo tempo tem a questão de ser valiosa, apontando as contradições inerentes ao significado da palavra.

A própria vestimenta da prenda, foi definida segundo Lessa, por Paixão Côrtes:

Paixão encasquetou que deviam ser vestidos compridos até os tornozelos; eu argumentei que se nós, rapazes, estávamos trajando nossas costumeiras bombachas, não carecia que as moças se voltassem para tão longe nos antigamentos; isto não chegou a ser posto em votação, mas o bigodudo Paixão nos venceu pelo cansaço (LESSA, 1985, p.66).

Assim, mesmo que os trajes dos homens gaúchos incorporassem elementos mais modernos da cultura do estado, os trajes das mulheres gaúchas ficaram restritos a um passado longínquo, exemplificando o conservadorismo tradicionalista direcionado com destaque às mulheres.

Ainda no que tange a vestimenta das prendas, o Manual do tradicionalista, de Glaucus Saraiva (1968), define em poucas linhas⁴ que deve se tratar de um vestido de prenda simples e recatado, e depois acrescenta erros que as prendas não devem cometer “sob pena de críticas e correções”. Alguns desses erros incluem: sapatos e penteados modernos, decotes e lenços masculinos.

Tudo não passa de convenção para dar às «prendas» uma vestimenta típica que elas não souberam fixar através da nossa formação sociológica e isto, por uma razão muito simples: a vaidade universal da mulher que sempre procurou acompanhar a «moda», venha ela de onde vier. (SARAIVA, 1968, p.57-58).

⁴ Em contraponto, a vestimenta masculina ocupa um número considerado de páginas, se debruçando – ainda que de forma resumida – em cada peça da indumentária.

O trecho demonstra o estereótipo de gênero⁵, em relação as mulheres, que seriam vaidosas por natureza, desconsiderando o “que a história, escrita fundamentalmente pelos homens, durante muitos anos optou em excluir as mulheres dos relatos historiográficos” (SILVA, 2008, p. 223). Glaucus Saraiva ainda segue, em seu manual, pedindo que as mulheres não modifiquem a indumentária que lhes foi determinada, pois esta foi pensada “atendendo às virtudes de recato, simplicidade e pudor que o gaúcho lhes atribui” (SARAIVA, 1968, p.57-58).

A indumentária pensada para as mulheres revela a visão masculina de que a prenda, é um objeto, criado e vestido pelos homens para satisfazer sua visão de mulher ideal. Quando as mulheres se posicionam contra essa imposição, acabam sendo rechaçadas e oprimidas, por um movimento, que em seus princípios, prima pela luta por igualdade entre os gêneros.

Apesar disso, a “dominação de um sexo sobre outro, é histórica e portanto passível de transformação” (LOURO, 1986, p.26) e como Barbosa Lessa deixa claro, se referindo ao tradicionalismo gaúcho, este evoluiu e deve continuar evoluindo “como a confirmar que ninguém pretende ficar estagnado no passado (LESSA, 1985, p.68).

Nesse sentido, o item seguinte pretende abordar como as mulheres gaúchas vem lutando para a subversão desses estereótipos e como o movimento tradicionalista tem avançado no que tange a igualdade de gênero.

2.1 A SUBVERSÃO DO ESTEREÓTIPO IDEALIZADO

O tradicionalismo gaúcho foi mudando ao longo dos anos conforme o movimento da sociedade e novas práticas foram sendo incorporadas, assim como espaços que eram majoritariamente masculinos foram sendo ocupados também por mulheres. Narvaz e Koller (2006) já assinalavam que apesar das prescrições normativas, as mulheres desvelam em seu bojo marcas de subversão e de resistência às normatizações impostas, emergindo daí papéis vividos de forma plural, heterogênea, criativa e subversiva.

Na esteira desse pensamento, no ano de 2011, uma mulher integrante do 35 CTG, concorreu e venceu a eleição de gestão desse, se tornando em 70 anos, a primeira mulher a assumir a patronagem – direção – do CTG. E mesmo tendo sido ameaçada de morte caso não

⁵[...] conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres (D'AMORIN, 1997, p.122).

entregasse o cargo, ela não renunciou, cumpriu seu mandato e foi reeleita na eleição seguinte (GARCIA; AIRES, 2017). Ainda que o fato ilustre o conservadorismo que persiste na base do movimento, também mostra a resistência e os processos de mudanças.

Outro fato marcante, é que em agosto de 2017, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) aderiu ao movimento Eles Por Elas (HeForShe) da Organização das Nações Unidas, para a igualdade de gênero (GAÚCHAZH, 2017). Nesse contexto, em janeiro de 2018, o 31º Seminário Estadual de Prendas, teve como tema central "O protagonismo da mulher na tradição gaúcha", escolhido justamente pela adesão do MTG ao movimento Eles Por Elas. Uma das discussões foi e sobre o machismo no tradicionalismo (MTG, 2018).

Já em 2019, um acontecimento até então inédito no movimento tradicionalista, uma mulher transexual foi homenageada como prenda pelo CTG do qual fazia parte desde a infância e do qual se afastou ao começar a transição de identidade de gênero (MAZON, 2019). Esses são apenas alguns pontos, que possibilitam refletir as mudanças dentro do movimento tradicionalista direcionadas a uma sociedade mais igualitária. Conforme Barbosa Lessa “sempre haverá uma forma de sociedade e toda sociedade nasce de uma velha, não parte do nada, parte de uma realidade que já existe” (LESSA, 1985, p.106-107). Portanto, é compreensível que no movimento ainda persistam ideias e posturas conservadoras, patriarcais e machistas.

Conforme sugere Jorge Luis Acanda (2006) a tomada de poder começa com o questionamento das normas e valores postos, pois é justamente nesses aspectos que se encontram as possibilidades de resistência e enfrentamento a lógica posta, como forma de superar e subverter os papéis socialmente atribuídos, tanto as mulheres quanto aos homens.

3 CONCLUSÃO

O presente artigo se propôs a refletir sobre o tradicionalismo gaúcho e sua construção histórica, compreendendo-o como uma construção social, iniciada por seus precursores e mantida por aqueles que com ele se identificam.

Apesar do tradicionalismo se apresentar enquanto movimento coletivo e congregador da sociedade gaúcha, em seu âmago residem ideais e posturas conservadoras. E esse é o perigo de tomar o tradicionalismo como expressão genuína do povo do Rio Grande do Sul,

pois desconsidera toda sua formação sócio histórica intrincada por contradições e movimentos de resistências de seus sujeitos.

Ao idealizar as figuras do homem e da mulher gaúcha – o homem gaúcho enquanto heroico, corajoso e livre ;a mulher gaúcha enquanto bela, cuja função principal era trazer *encanto* ao movimento e a sociedade –, o movimento se fecha em representações que não possuem aporte histórico, mas são embasadas em valores e ideias transpassados por ideais conservadores, machistas e patriarcais.

E assim acabam por reiterar estereótipos de gênero, segregar espaços, e contribuir para as desigualdades de gênero tão latentes na sociedade atual. Mas também são nesses aspectos, que têm encontrado cada vez mais resistência na realidade concreta. A resistência das mulheres, os questionamentos e as ações que subvertem essa construção conservadora do tradicionalismo gaúcho se manifesta através da ocupação de espaços de poder, discutindo as contradições do movimento ou apenas sendo quem são.

O tradicionalismo segue em transformação, cabendo às(aos) suas(seus) integrantes através de suas ações direcionarem o movimento tradicionalista na direção daquilo que dele esperam.

Por fim, cabe deixar claro que o presente artigo não tem o intuito de ojerizar o tradicionalismo e o que este representa para o estado, e sim buscar problematizar suas contradições e resistências para assim contribuir com subsídios para sua ressignificação, pautada por um viés igualitário, sem qualquer tipo de dominação e opressão.

Mostramos através de exemplos que inflexões (in)esperadas e resistências são possíveis nesse cenário como a inclusão da primeira prenda trans no movimento tradicionalista gaúcho em 2019. Outra insurgência evidenciada foi o fato do movimento tradicionalista gaúcho ter eleito uma mulher como patroa do CTG após 70 anos do movimento. Muito temos a avançar dentro e fora do movimento tradicionalista gaúcho, mas sem perder a esperança no horizonte de construirmos possibilidades de romper estereótipos de gênero, subverter identidades e demonstrar resistências em romper com práticas subalternizantes, emergindo novas formas de sociabilidade baseadas no respeito à dignidade humana.

REFERÊNCIAS

ACANDA, Jorge Luis. **Sociedade Civil e Hegemonia**. Ed. UFRJ, 2006.

BARROCO, Maria Lucia. Não passarão! Ofensiva neoconservadora e Serviço Social In: **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 623-636, out./dez. 2015. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n124/0101-6628-ssoc-124-0623.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

D'AMORIM, M. A. M.. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em jovens brasileiros. **Temas Em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 121-134, 1997

GARCIA, Gabriela; AIRES, Isadora. Como o tradicionalismo gaúcho excluiu as mulheres, reforçando o machismo e a violência, e como elas estão combatendo essa cultura. **Jovem Jornalista**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.1-15, out. 2017. Disponível em: <<http://jovemjornalista.org.br/wp-content/uploads/2017/10/e-agora-tche.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

GAÚCHA ZH. **Movimento Tradicionalista Gaúcho adere à campanha Eles por Elas, da ONU Mulheres**. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2017/08/movimento-tradicionalista-gaucha-adere-a-campanha-eles-por-elas-da-onu-mulheres-cjpk6y3og0037c2cnvre242rl.html>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

GOLIN, Tau. **Identidades**: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Méritos, 2004.

GOLIN, Tau. Reflexos entre o gaúcho real e o inventado. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (Org.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992. p. 91-99.

GUTFREIND, Ieda. A historiografia sul-rio-grandense e o mito do gaúcho brasileiro. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (Org.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992. p. 148-152.

KONFLANZ, Celso. **A MODERNA TRADIÇÃO GAÚCHA**: Um estudo sociológico sobre o Tradicionalismo Gaúcho. 2013. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo**: Um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre: L&pm, 1985.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa; CÔRTEZ, Paixão. **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha**. Porto Alegre: Garatuja, 1975.

LOURO, Guacira Lopes. Prendas e antiprendas: Educando a mulher gaúcha. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.25-56, jul. 1986.

MAZON, Elana. **Após fazer parte de gestão de peões, mulher transexual recebe homenagem como prenda.** 2019. Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/07/apos-fazer-parte-de-gestao-de-peoes-mulher-transexual-recebe-homenagem-como-prenda-cjxm56xa6030301pkurem948v.html>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **31º Seminário Estadual de Prendas.**

Disponível em: <<https://soundcloud.com/user-931377055-15052112/prendas>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

MURARI, Luciana. A construção da identidade social na literatura regionalista: o caso sul-rio-grandense. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 17, n. 32, p.159-183, dez. 2010. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/11494>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55, Apr. 2006.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 de setembro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>.

NUNES, Z.C & R.C. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins livreiro, 1984.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Entre representações e estereótipos: O tipo gaúcho como expressão popular na música gravada no século XX. In: GERTZ, René (Org.). **REPÚBLICA: Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).** Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 505-524. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

OLIVEN, Ruben George. O renascimento do gauchismo. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (Org.). **Nós, os gaúchos.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992. p. 77-80.

PATEMAN, Carol. **O contrato sexual.** Rio: Paz e Terra, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARAIVA, Glaucus. **Manual do tradicionalista:** Orientação geral para tradicionalistas e Centros de Tradições Gaúchas. Porto Alegre: Sulina, 1968.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. **Politeia: Hist. e Soc.**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008. Disponível em:

<periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/276/311>. Acesso em: 19 jun. 2019.